


**“EU NÃO COSTUMO PERDER, MEU BEM”: ODETE ROITMAN E AS TENSÕES DA  
LIDERANÇA FEMININA NA SOCIEDADE PATRIARCAL****“I DON’T USUALLY LOSE, MY DEAR”: ODETE ROITMAN AND THE TENSIONS OF  
FEMALE LEADERSHIP IN A PATRIARCHAL SOCIETY** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.018-015>**Lucas Matheus Araujo Bicalho**

Mestrando em História (UNIMONTES)  
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)  
E-mail: bicalholucas7@gmail.com  
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1751370921832009>

**Guilherme Carvalho Vieira**

Doutorando em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
(UFRGS)  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
E-mail: guilherme.carvalho.unimontes@gmail.com  
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6002574093789093>

**Brenda Vitória Alves Rodrigues da Silva**

Graduanda em Ciências Biológicas Bacharelado  
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)  
E-mail: brendasilvatoia@gmail.com  
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2018101125100491>

**Jéssica Fagundes Sales**

Bacharel em Direito (UEMG)  
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)  
E-mail: jessicasales.unimontes@gmail.com  
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6232361243195595>

**Ana Paula Oliveira Lopes**

Mestranda em História (UNIMONTES)  
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)  
E-mail: nutriana2009@yahoo.com  
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1226191942354948>

**Sarah Carine Gomes Aragão**

Mestra em História (UNIMONTES)  
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)  
E-mail: sarah.aragao@unimontes.br  
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2741082441924774>



**Lílian Soares Silva**

Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Estadual de Montes Claros  
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)  
E-mail: [lilian.soares.silva@educacao.mg.gov.br](mailto:lilian.soares.silva@educacao.mg.gov.br)  
LATTES: <https://lattes.cnpq.br/0089609742006829>

**Maria Marta da Silva Pinto**

Graduanda Licenciatura em História  
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)  
E-mail: [mariamartaalc@gmail.com](mailto:mariamartaalc@gmail.com)  
LATTES: <https://lattes.cnpq.br/2697687454335861>

**Fábio Natan Leal Moura**

Graduado em Psicologia - UNIFIPMOC  
E-mail: [lfabionatan@gmail.com](mailto:lfabionatan@gmail.com)  
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1178517061601789>

**Henrique Petrucci Marques**

Mestrando em História (UNIMONTES)  
Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES)  
E-mail: [hpetruccimarques@gmail.com](mailto:hpetruccimarques@gmail.com)  
LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5719944815331408>

**RESUMO**

Este artigo analisa a personagem Odete Roitman em *Vale Tudo* (2025) como representação da mulher em posições de poder, com o objetivo de investigar de que forma ela tensiona estereótipos de gênero ao assumir a liderança empresarial e recusar a submissão masculina. A metodologia adotada fundamenta-se nos Estudos de Gênero e na História Social das Mulheres, por meio de revisão bibliográfica e análise crítica de obras sobre construção social do feminino, vilania feminina e exercício do poder por mulheres, permitindo articular conceitos históricos, sociológicos e culturais para interpretar como a personagem simboliza tensões entre emancipação e estigmatização, além de refletir continuidades e mudanças nas representações femininas na teledramaturgia brasileira. A análise evidencia que Odete Roitman combina estratégia, firmeza e presença simbólica para exercer autoridade, desafiando normas culturais que associam poder à masculinidade; sua atuação revela ambiguidades, pois, ao representar avanços na visibilidade feminina no poder, também sofre estigmatizações e julgamentos morais. Conclui-se que a personagem funciona como espaço de disputa simbólica, permitindo compreender a televisão como instrumento cultural que negocia e ressignifica relações de gênero, mostrando que a liderança feminina é complexa, estratégica e continuamente avaliada dentro de padrões históricos e sociais, evidenciando o papel da mídia na construção e transformação das representações do feminino na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Gênero; Estereótipos; Liderança feminina; Novela; Odete Roitman.

**ABSTRACT**

This article analyzes the character Odete Roitman in *Vale Tudo* (2025) as a representation of women in positions of power, with the aim of investigating how she challenges gender stereotypes by assuming business leadership and refusing male submission. The methodology adopted is based on Gender Studies and Women's Social History, through a bibliographic review and critical analysis of works on the social construction of femininity, female villainy, and the exercise of power by women, allowing for the articulation of historical, sociological, and cultural concepts to interpret how the character symbolizes tensions between emancipation and stigmatization, as well as reflecting continuities and changes in female



representations in Brazilian television drama. The analysis shows that Odete Roitman combines strategy, firmness, and symbolic presence to exercise authority, challenging cultural norms that associate power with masculinity; her performance reveals ambiguities, since, while representing advances in female visibility in power, she also suffers stigmatization and moral judgments. It is concluded that the character functions as a space for symbolic dispute, allowing us to understand television as a cultural instrument that negotiates and re-signifies gender relations, showing that female leadership is complex, strategic, and continuously evaluated within historical and social standards, highlighting the role of the media in the construction and transformation of representations of women in contemporary society.

**Keywords:** Gender; Stereotypes; Female leadership; Soap opera; Odete Roitman.



## 1 INTRODUÇÃO

[...] o último velho rico que eu fui pra cama foi o meu marido. Esse é o tipo de sacrifício que só se faz uma vez na vida, meu bem! (Roitman, 2025, capítulo 77).

Poucas figuras da teledramaturgia brasileira carregam a força simbólica e a longevidade cultural de Odete Roitman, vilã que marcou a memória nacional desde *Vale Tudo* (1988) e que retorna no *remake* de 2025, agora interpretada por Débora Bloch. Em um cenário em que a televisão exerce papel central na formação de imaginários sociais, a personagem ressurgue como empresária poderosa, presidente da companhia aérea TCA, retomando o debate sobre a presença feminina em espaços tradicionalmente masculinos.

Ao assumir a liderança de uma das maiores empresas do país, Odete desafia a chamada “natureza feminina”, construída historicamente em torno da docilidade, da afetividade e da submissão (Scott, 2019). Sua postura firme, autoritária e calculista rompe com estereótipos de gênero, expondo como o exercício do poder por mulheres ainda é narrado na chave da estranheza ou da ameaça. Mais do que uma personagem de ficção, Odete funciona como um espelho das tensões de gênero da sociedade brasileira contemporânea, onde a conquista de espaços de comando pelas mulheres ainda convive com processos de estigmatização e resistência.

A análise da personagem no *remake* de 2025 permite refletir sobre continuidades e rupturas nas representações de mulheres na mídia. Se nos anos 1980 Odete já simbolizava o incômodo social causado pela mulher que não abaixa a cabeça para os homens, em 2025 sua presença reafirma e atualiza esse debate, em um contexto em que a participação feminina em cargos de liderança segue minoritária e cercada de obstáculos estruturais. Estudos da História Social das Mulheres evidenciam que a exclusão feminina do poder não é resultado de uma essência natural, mas de construções sociais, culturais e políticas que, ao longo do tempo, naturalizaram o lugar das mulheres no espaço público e privado (Perrot, 2005; Del Priore, 2017).

Nesse sentido, a personagem Odete Roitman atua como contraponto a essa tradição, revelando o quanto a mulher que exerce autoridade continua sendo representada de forma ambígua: ora como exemplo de emancipação, ora como vilã que deve ser punida. Suas falas, carregadas de elitismo e desprezo pelas classes populares, também evidenciam a complexidade de sua figura, permitindo analisar como mídia, gênero e poder se articulam em narrativas televisivas de grande alcance.

Diante disso, o problema de pesquisa que se coloca é: de que maneira a personagem Odete Roitman, no *remake* de 2025, desafia os padrões da chamada “natureza feminina” e quais contradições emergem na representação de uma mulher que ocupa posição de poder em uma sociedade ainda estruturada pelo patriarcado?



Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa é analisar como Odete Roitman tensiona estereótipos de gênero ao assumir a liderança empresarial e a recusa da submissão masculina, investigando o impacto simbólico dessa representação na sociedade contemporânea.

A metodologia adotada neste estudo fundamenta-se nos Estudos de Gênero e na História Social das Mulheres, uma vez que essas abordagens permitem compreender a construção social do feminino e os mecanismos históricos de desigualdade de gênero. Dessa forma, a pesquisa se desenvolverá por meio de revisão bibliográfica, possibilitando articular teorias e conceitos que abordam tanto a representação de mulheres na mídia quanto o exercício do poder feminino na sociedade brasileira. Além disso, serão consultadas obras clássicas e contemporâneas sobre gênero, vilania feminina e participação das mulheres no espaço público, de modo a compreender como Odete Roitman simboliza tensões entre emancipação e estigmatização. A análise crítica da personagem será orientada por categorias de interpretação propostas por autores como Scott (1995), Perrot (2005) e Del Priore (2017), permitindo, assim, um diálogo entre os aspectos históricos, sociológicos e culturais que atravessam a construção da mulher no poder.

Além disso, serão consultadas obras clássicas e contemporâneas sobre gênero, vilania feminina e participação das mulheres no espaço público, de modo a compreender como Odete Roitman simboliza tensões entre emancipação e estigmatização. A análise crítica da personagem será orientada por categorias de interpretação propostas por autoras como Joan Scott (2019), Teresa de Lauretis (2019) e Mary Del Priore (2017), permitindo, assim, um diálogo entre os aspectos históricos, sociológicos e culturais que atravessam a construção da mulher no poder.

A relevância desta pesquisa reside na necessidade de compreender como a mídia brasileira contemporânea ressignifica representações femininas que desafiam normas de gênero e padrões patriarcais, uma vez que tais representações influenciam percepções sociais sobre a autoridade feminina. Nesse sentido, Odete Roitman, ao ocupar uma posição de comando em uma grande empresa, simboliza tanto o avanço da presença feminina no poder quanto as ambiguidades e estigmas persistentes relacionados à mulher que lidera. Além disso, investigar sua representação permite refletir criticamente sobre como a sociedade constrói imagens de autoridade feminina, contribuindo para o debate sobre empoderamento, desigualdade de gênero e mídia.

Ademais, a pesquisa oferece subsídios para compreender a continuidade histórica das estruturas patriarcais e como estas são confrontadas ou reforçadas em narrativas televisivas de grande alcance, demonstrando, assim, a importância de analisar Odete como instrumento para discutir cultura, poder e gênero no Brasil contemporâneo.



## 2 QUEBRA DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO: ODETE ROITMAN E A LIDERANÇA FEMININA

A novela *Vale Tudo* (2025), escrita por Manuela Dias, é um *remake* da trama original de 1988 e estreou em 31 de março de 2025 na TV Globo. Ambientada no contexto atual brasileiro, a história aborda temas como desigualdade social, corrupção e a busca desenfreada por poder. Nesse cenário, surge a personagem Odete Roitman, interpretada por Débora Bloch, que assume uma posição de destaque na narrativa. Empresária de sucesso e matriarca da família Roitman, Odete é descrita como arrogante, preconceituosa e autoritária, características que a colocam em confronto direto com outros personagens, especialmente sua filha Heleninha Roitman, interpretada por Paolla Oliveira.

Odete Roitman se distingue por ocupar um espaço de poder tradicionalmente reservado aos homens. Empresária de sucesso, sofisticada e implacável, ela comanda com uma autoridade estratégica, calculada, desafiando a lógica das convenções de gênero de seu tempo. Ao contrário das mulheres retratadas na novela, que frequentemente se circunscrevem a papéis de cuidado, subserviência ou docilidade, Odete movimenta sua influência de forma racional, precisa, quase cirúrgica, rompendo com a concepção clássica de feminilidade e sugerindo que a presença feminina em posições de destaque é não apenas possível, mas inevitável. Sob a perspectiva de Joan Scott (2019), o gênero não se limita a uma categoria de identidade, mas se configura como uma relação de poder; nesse contexto, Odete Roitman não é só uma personagem de ficção: é um espelho que revela e questiona as hierarquias sociais, mostrando como a televisão pode refletir, e até subverter, as estruturas de dominação que regulam a vida das mulheres.

A atuação de Odete como mulher de autoridade também dialoga com os estudos sobre masculinidade hegemônica de Raewyn Connell (1995), enquanto a personagem ocupa papéis de comando e liderança, normalmente associados a homens, sem perder sua identidade feminina. Sua assertividade, frieza estratégica e capacidade de manipulação expõem uma ruptura com o imaginário da mulher passiva e submissa, mostrando que poder e ambição não são atributos exclusivos do universo masculino. Além disso, a construção de Odete Roitman reflete a crítica de Simone de Beauvoir (1949) sobre como a sociedade constrói a mulher como “Outro”, ou seja, como figura secundária em relação ao homem; ao ocupar centralidade na narrativa e exercer controle sobre situações e pessoas, Odete afirma sua agência e visibilidade, desafiando a marginalização feminina.

Ademais, Odete evidencia a relação entre representação feminina e questões contemporâneas de mídia e cultura. Ao transitar entre espaços de poder, corporativo, social e simbólico, demonstra que a autoridade feminina não depende apenas da narrativa, mas também da percepção do público e das mudanças sociais. Diante disso, essa multiplicidade de papéis reforça que a liderança feminina pode assumir diferentes formas e estratégias, rompendo estereótipos e mostrando que ambição e influência não são incompatíveis



com a identidade feminina (Bicalho, 2025ab). Odete se torna, assim, um modelo de visibilidade e empoderamento, capaz de inspirar reflexões sobre gênero, poder e representação na televisão atual.

À vista disso, Odete Roitman em *Vale Tudo 2025* consolida-se como um ícone da subversão dos estereótipos de gênero. Sua presença mostra que mulheres podem combinar ambição, assertividade e capacidade estratégica com sua identidade feminina, oferecendo uma representação de poder eficiente e simbólica. Ao romper com padrões de docilidade e submissão, questiona a noção de “natureza feminina” e reforça que liderança, inteligência e autonomia transcendem o gênero, marcando um avanço na representação de mulheres na teledramaturgia brasileira contemporânea.

A partir da noção de tecnologia de gênero proposta por Teresa de Lauretis (2019), pode-se compreender que a figura de Odete Roitman ultrapassa a simples representação de uma mulher poderosa na ficção televisiva. Para a autora, o gênero não é um atributo natural, mas uma construção cultural continuamente produzida e reproduzida por meio de tecnologias sociais, discursivas e midiáticas. Nesse sentido, a teledramaturgia atua como um espaço privilegiado dessa produção, onde identidades de gênero são forjadas, questionadas e transformadas conforme as narrativas que circulam e se consolidam no imaginário coletivo.

Assim, ao retomar Odete em *Vale Tudo 2025*, a obra reativa e ressignifica uma tecnologia de gênero que desafia o ideal tradicional do feminino. Sua postura assertiva, seu domínio estratégico e sua presença simbólica nos espaços de poder operam como práticas discursivas que desestabilizam o binarismo homem/mulher e desconstroem a associação entre feminilidade e docilidade (Bicalho, 2025c). Logo, Odete encena uma mulher que detém autoridade, mas também produz novas formas de subjetividade feminina, revelando o potencial da televisão como meio de intervenção cultural nas formas de se pensar o gênero.

Dessa maneira, a personagem torna-se um agente ativo na circulação e transformação das representações de gênero, ecoando o argumento de Lauretis (2019) de que o sujeito feminino se constitui também em resistência aos discursos normativos. Ao ocupar o centro da narrativa e mobilizar tanto admiração quanto desconforto, Odete revela as amarras das tecnologias que moldam o feminino, mostrando que a identidade de gênero é um campo de disputa simbólica e histórica. Sua figura, portanto, reflete a mudança social, mas participa da própria reconfiguração das tecnologias de gênero, projetando uma nova visibilidade para a mulher na teledramaturgia brasileira contemporânea.

### **3 RELAÇÕES DE PODER E RECUSA DA SUBMISSÃO: ESTRATÉGIAS DE COMANDO E AUTONOMIA DA MULHER NO ESPAÇO MASCULINO**

Odete Roitman, em *Vale Tudo 2025*, configura-se como um exemplo importante da atuação feminina em esferas tradicionalmente dominadas por homens, evidenciando uma prática de poder que se articula na negociação e na imposição de estratégias de comando. Sua presença tensiona normas sociais e expectativas



de submissão, revelando como a autonomia da mulher se constrói e se afirma em contextos marcados pela desigualdade de gênero.

Nesse sentido, na novela a personagem representa o feminino que transcende o estereótipo da mulher domesticada, confinada às margens do poder. Como tantas personagens históricas que desafiaram os limites de seu tempo, ela encarna uma mulher que entende as engrenagens sociais e decide operá-las a seu favor. Sua força individual e simbólica, isso, pois, ao agir com determinação e frieza em um universo masculino, Odete expõe o desconforto da sociedade diante da mulher que assume o comando, que não pede licença para existir e que se impõe por mérito, estratégia e inteligência.

No entanto, há em sua trajetória uma ambiguidade profundamente humana. Odete é produto de um sistema que a formou para competir, e sua forma de exercer o poder reflete tanto a ruptura quanto a assimilação dos valores patriarcais. À vista disso, ela se aproxima das figuras femininas que, ao longo da história, tiveram de “jogar o jogo dos homens” para garantir seu espaço – rainhas, empresárias, políticas – sem jamais deixar de pagar o preço da transgressão. Assim, Odete, portanto, é uma mulher de seu tempo e de todos os tempos: complexa, contraditória e, acima de tudo, consciente de que o poder feminino, quando afirmado, continua sendo um ato de coragem.

Sob a perspectiva de Michel Foucault (2011), o poder não se concentra exclusivamente em instituições ou cargos formais, mas circula nas relações cotidianas, na capacidade de moldar comportamentos, discursos e decisões. Odete mobiliza esse poder de forma estratégica ao confrontar interlocutores que tentam subestimá-la, utilizando argumentos precisos, gestos firmes e controle da narrativa como instrumentos de comando. Em diferentes episódios, sua autoridade se manifesta não pela hierarquia que ocupa, mas pela capacidade de influenciar decisões e impor condições em um ambiente corporativo e social majoritariamente masculino, demonstrando que o poder se exerce tanto na sutileza da negociação quanto na determinação explícita.

A abordagem de Joan Scott (2019) sobre gênero como sistema de relações de poder permite compreender que a atuação de Odete não se restringe à representação de uma mulher em posição de autoridade, mas constitui uma disputa ativa contra normas historicamente impostas. Em confrontos com colegas masculinos que tentam limitar sua autonomia, a personagem afirma sua voz, redefine regras de atuação e estabelece parâmetros de ação próprios, evidenciando que a agência feminina se realiza na tensão entre expectativa social e exercício efetivo de autoridade (Bicalho, Reis, 2024; Bicalho, 2025ab). Com efeito, a trajetória de Odete, nesse sentido, expõe como o gênero opera como marcador de hierarquia e como a resistência a ele se torna um gesto político e estratégico.

Diante disso, Rita Segato (2015) contribui ao destacar que a dominação patriarcal não se manifesta apenas por meio da coerção direta, mas através da normatização da submissão feminina, que atua silenciosa sobre corpos, gestos e discursos. A recusa de Odete em se enquadrar nesses padrões revela uma prática de



resistência que se inscreve na esfera simbólica e material: ao redefinir agendas, controlar negociações e manipular percepções, a personagem subverte mecanismos de opressão estrutural e constrói um espaço de poder próprio. Logo, a recusa é uma estratégia individual e um gesto que revela as tensões de gênero e questiona a naturalização da submissão feminina nas relações sociais.

Portanto, Odete Roitman encarna uma forma de poder feminino marcada pela estratégia, visibilidade e resistência. E, sua atuação mostra que a autonomia da mulher não é um dado adquirido, mas uma conquista construída por meio de negociações e decisões calculadas. Assim, ao transitar com destreza entre relações de poder, ela desafia normas patriarcais e redefine a presença feminina em espaços tradicionalmente masculinos, tornando-se não apenas um espelho da sociedade, mas também um questionamento das barreiras históricas que limitam a participação da mulher na esfera pública.

#### **4 REPRESENTAÇÕES DE PODER FEMININO NA MÍDIA CONTEMPORÂNEA: ODETE ROITMAN E AS TECNOLOGIAS DE GÊNERO**

A representação de Odete Roitman em *Vale Tudo 2025* evidencia como a televisão funciona como tecnologia de gênero, conceito desenvolvido por Teresa de Lauretis (2019). Nesse sentido, a mídia reproduz padrões sociais, bem como constrói significados sobre a atuação feminina em esferas de poder (Bicalho *et al.*, 2023). Quando comparada a outras personagens poderosas, como Carminha em *Avenida Brasil*, Bia Falcão em *Belíssima* ou Lola em *Beleza Fatal*, observa-se um padrão de narrativas que articulam liderança, assertividade e manipulação, delineando uma forma simbólica de poder feminino que se constitui tanto pela autonomia quanto pela visibilidade midiática.

Odete, Carminha, Bia e Lola exemplificam a tensão entre empoderamento e estereótipos. Del Priore (2017) explica que a história das mulheres no Brasil revela uma constante negociação entre poder e marginalização, já que mulheres que assumem posições de destaque são frequentemente vistas com suspeita ou moralmente julgadas, o que se reflete na mídia por meio de traços de ambição exacerbada, frieza ou manipulação. Essa análise evidencia que a representação do poder feminino não é algo isolado, uma vez que reforça certos estereótipos, oferece modelos de autonomia e agência, mostrando que a mulher contemporânea precisa navegar entre reconhecimento, moralidade e assertividade.

O poder simbólico dessas figuras está profundamente ligado à legitimação social, conforme argumenta Bourdieu (2000). A autoridade de Odete, Carminha ou Bia não se sustenta apenas por suas ações estratégicas, mas pelo reconhecimento que recebem do público e das outras personagens. Lola, por sua vez, ilustra como a performance feminina pode ser calculada e sedutora, acrescentando uma dimensão de controle simbólico ligada à imagem e à influência social. Essa dinâmica permite analisar como a mídia constrói e valida representações de liderança feminina, reforçando a ideia de que o poder, mesmo quando exercido por mulheres, continua mediado por normas culturais e expectativas de gênero.



A diversidade de trajetórias entre essas personagens evidencia diferentes formas de resistência e subversão. Enquanto Odete opera predominantemente no campo corporativo e social, Carminha combina manipulação emocional e ambição social, Bia articula poder nos bastidores de decisões estratégicas e Lola mobiliza a sedução e a imagem como instrumentos de controle. Diante disso, Teresa Lauretis (2019) sugere que essas tecnologias de gênero produzem efeitos performativos que refletem a realidade social ao moldar práticas e percepções sobre o que é aceitável ou possível para mulheres em posições de poder.

Além disso, o diálogo entre personagens permite compreender como a mídia contemporânea problematiza relações de gênero. A competição, rivalidade e alianças estratégicas entre Odete, Carminha, Bia e Lola revelam tensões estruturais sobre a legitimidade da autoridade feminina. Ao colocar essas mulheres em confronto com padrões patriarcais de poder, a narrativa televisiva evidencia a necessidade de negociação constante entre autonomia, moralidade e reconhecimento social (Bicalho *et al.*, 2023).

Ademais, a construção das personagens revela a complexidade das representações femininas na ficção televisiva contemporânea. Ainda que certas dimensões de suas trajetórias reiterem estereótipos vinculados à manipulação, à rivalidade e à sedução, as personagens também tensionam essas convenções ao reivindicarem espaços de poder e autonomia. Essa dualidade reflete um movimento ambíguo da mídia, ao reproduzir discursos hegemônicos de gênero, também oferece possibilidades de resistência e ressignificação identitária (Bicalho *et al.*, 2023).

Por conseguinte, a análise das interações entre essas mulheres permite compreender a televisão como um campo discursivo em constante negociação entre tradição e mudança. Ao expor conflitos éticos, afetivos e simbólicos, a narrativa televisiva ultrapassa o mero entretenimento e se consolida como dispositivo cultural de reflexão social. Nesse sentido, as dinâmicas de poder, moralidade e reconhecimento inscritas nas relações entre as personagens contribuem para o debate acadêmico sobre representação, performatividade e legitimidade do feminino na esfera midiática (Bicalho *et al.*, 2025).

Dessa forma, a análise das representações de Odete Roitman e de outras personagens poderosas evidencia que a presença da mulher na mídia não se limita à reprodução de estereótipos, mas atua como espaço de negociação e reconfiguração das relações de poder. Elas são mostradas como astutas, calculistas ou implacáveis, essas figuras produzem modelos de atuação e estratégias de autoridade que desafiam concepções tradicionais sobre o papel da mulher na esfera pública. Logo, o poder simbólico delas, construído por meio da narrativa televisiva, revela a tensão constante entre visibilidade, reconhecimento e as expectativas sociais de gênero, convidando o público a refletir sobre as múltiplas formas de exercício de autoridade e sobre a complexidade da experiência feminina em contextos marcados por desigualdades históricas (Del Priore, 2017; Lauretis, 2019; Scott, 2019).



## 5 A PERFORMANCE DO PODER: GÊNERO, MORALIDADE E CLASSE NA CONSTRUÇÃO DA AUTORIDADE FEMININA

A discussão sobre a autoridade feminina na mídia revela um conjunto de contradições que expõem os limites entre emancipação e controle simbólico. À vista disso, o gênero deve ser compreendido como uma categoria de análise que estrutura o poder e organiza hierarquias sociais, atuando como princípio de significação das relações entre os sexos (Scott, 2019). Ao serem representadas em posições de liderança, as mulheres enfrentam frequentemente a tensão entre afirmar sua autonomia e corresponder a normas culturais que ainda vinculam o poder à masculinidade. Logo, ambiguidade evidencia a permanência de mecanismos simbólicos que restringem o reconhecimento da autoridade feminina a partir de critérios morais e comportamentais herdados de uma tradição patriarcal.

Nesse sentido, o poder feminino projetado pela mídia opera em uma lógica ambígua, que mistura discursos de emancipação com a reprodução de valores hegemônicos. Angela McRobbie (2009) identifica no pós-feminismo um processo de “reapropriação” do discurso da liberdade feminina pelo capitalismo cultural, em que o sucesso e a independência são convertidos em atributos de consumo e autoaperfeiçoamento. Assim, o empoderamento torna-se um imperativo individualista, desvinculado das estruturas coletivas de desigualdade que o feminismo historicamente buscou denunciar. A mulher autônoma e bem-sucedida é celebrada, mas apenas quando sua trajetória se mantém compatível com o ideal neoliberal de eficiência, beleza e controle emocional, o que reforça um modelo de subjetividade disciplinada (Rago, 1998)

A dimensão moral constitui outro eixo central na análise das contradições da autoridade feminina. Assim, Michelle Perrot (2005) destaca que, ao longo da história, as mulheres foram confinadas ao espaço privado sob o argumento de preservação da ordem e da moralidade social. Quando adentram a esfera pública, passam a ser avaliadas não apenas por suas competências, mas também por sua conduta e aparência, tornando-se alvos de julgamentos morais que não se aplicam aos homens. Essa herança cultural se atualiza na mídia, que frequentemente associa o poder feminino à frieza, à manipulação ou à corrupção moral. Desse modo, a representação da mulher poderosa carrega uma carga simbólica de ambiguidade: sua autoridade é reconhecida, mas também problematizada, reforçando o controle social sobre os modos legítimos de exercício do poder por mulheres.

As contradições também se articulam à questão de classe e às hierarquias raciais. Heleieth Saffioti (1987) enfatiza que as desigualdades de gênero se entrelaçam às estruturas econômicas e sociais, de modo que a experiência do poder feminino não é homogênea. A mídia tende a legitimar a autoridade de mulheres brancas e de classes altas, associando-as à sofisticação e ao mérito, enquanto representa mulheres negras ou de classes populares como agressivas, descontroladas ou moralmente desviantes. Essa seletividade na representação indica que o empoderamento midiático é atravessado por fronteiras de classe e raça, operando



como dispositivo de distinção social. Assim, a autoridade feminina é aceita apenas quando compatível com o capital simbólico legitimado pelas normas dominantes de gênero e *status*.

Sob a perspectiva teórica de Judith Butler (2003), o gênero deve ser compreendido como uma construção performativa, isto é, um conjunto de atos, discursos e práticas reiteradas que produzem a aparência de uma identidade coerente e natural. Essa concepção desloca a ideia de gênero como essência ou atributo fixo e o reposiciona como efeito de normas culturais que regulam os corpos e delimitam o que é inteligível socialmente como “feminino” ou “masculino”. Nesse sentido, a autoridade feminina não é uma característica intrínseca, mas uma performance que se constitui a partir da repetição de signos historicamente associados ao poder – signos que, na mídia, são modulados por convenções de classe, sexualidade e moralidade.

Quando a mulher em posição de liderança é representada pela mídia, sua performance de poder é constantemente tensionada por essas normas, isso porque precisa demonstrar força e assertividade, mas sem ultrapassar os limites do que é considerado “aceitável” para o feminino. Essa necessidade de equilibrar autoridade e docilidade evidencia o que Butler identifica como o caráter disciplinador das normas de gênero, normas que produzem sujeitos, também os limitam (Butler, 2003). Assim, as representações midiáticas de mulheres poderosas revelam o campo instável e contraditório da performatividade, sendo nelas, a subversão e a conformidade coexistem, e o empoderamento feminino se torna um espaço de disputa simbólica entre reprodução e transformação das estruturas patriarcais.

Dessa forma, compreender as contradições da autoridade feminina na mídia implica reconhecer que o poder exercido por mulheres não se consolida como uma conquista definitiva, mas como um processo relacional permeado por disputas simbólicas. Diante disso, conforme esclarece bell hooks (2018), a libertação das mulheres exige uma transformação profunda das estruturas que sustentam a dominação de gênero, e não apenas a inserção de figuras femininas em espaços de prestígio previamente definidos pelo patriarcado. A presença de mulheres em posições de destaque midiático, ainda que simbólica, nem sempre corresponde a uma redistribuição efetiva de poder, pois continua sujeita a mecanismos sutis de vigilância, julgamento moral e diferenciação de classe. Assim, mais do que celebrar a visibilidade feminina, é necessário analisar as condições discursivas que a tornam possível, evidenciando como a mídia simultaneamente amplia e limita as possibilidades de expressão, autonomia e legitimidade das mulheres na esfera pública.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As representações de mulheres em posições de poder na teledramaturgia brasileira revelam que o avanço simbólico da presença feminina em espaços de liderança ainda é acompanhado por mecanismos sutis de controle e estigmatização. A figura de Odete Roitman, ao ocupar o centro da narrativa, reafirma o



potencial da mídia como espelho e produtora das tensões sociais em torno do gênero. Sua autoridade e firmeza rompem com os modelos tradicionais de feminilidade, mas também expõem os limites impostos às mulheres que desafiam a lógica patriarcal. Assim, a personagem funciona como um ponto de inflexão, permitindo compreender que a inserção feminina em posições de comando não elimina, por si só, as estruturas que historicamente restringiram a legitimidade da mulher no poder.

Nesse sentido, a análise de Odete Roitman evidencia que a conquista do espaço público pelas mulheres continua marcada pela necessidade de negociar reconhecimento e moralidade. A liderança feminina, quando representada na mídia, é frequentemente associada à frieza, à ambição e ao distanciamento afetivo, atributos que reforçam o desconforto social diante da autoridade exercida por mulheres. Essa ambiguidade reflete o modo como as narrativas midiáticas tanto reproduzem quanto questionam convenções de gênero, tornando-se territórios de disputa simbólica em que se articulam resistência e normatização. Desse modo, a personagem simboliza o esforço coletivo de romper padrões e repensar o lugar das mulheres nas relações de poder, ao mesmo tempo em que evidencia o peso das heranças culturais que as condicionam.

Portanto, compreender a representação de Odete Roitman como figura de autoridade feminina permite reconhecer a televisão não apenas como veículo de entretenimento, mas como espaço de construção de sentidos sociais. Sua presença desafia o imaginário que associa o poder à masculinidade e provoca o público a refletir sobre as fronteiras entre ambição, legitimidade e moralidade. Ao trazer à tona as contradições da autoridade feminina, a narrativa reafirma a importância de discutir as relações de gênero na esfera cultural, destacando que a emancipação das mulheres é um processo contínuo, atravessado por disputas simbólicas e estruturais que ainda moldam o modo como a sociedade vê, julga e reconhece a mulher que ocupa o poder.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Paris: Gallimard, 1949.

BICALHO, L. M. A; LOPES, A. P. O. ; OLIVEIRA, M. C. ; MEDEIROS, D. O. ; MOURA, F. N. L. ; MARQUES, H. P. “FAÇA-ME UM FEITIÇO!”: PODER, SILÊNCIO E GÊNERO NA CANÇÃO POBRES CORAÇÕES INFELIZES. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, p. 1492-1502, 2025b.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo. “Boas moças não matam?”: Uma análise de gênero sobre os casos Richthofen e Matsunaga na mídia brasileira. **Revista Terceiro Incluído, Goiânia**, v. 15, n. 1, p. e15117, 2025a. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teri/article/view/82556>. Acesso em: 6 ago. 2025. DOI: 10.5216/teri.v15i1.82556.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo. Úrsula, a vilã subversiva: gênero, poder e estereótipos na construção da personagem de A pequena sereia (1989). **Revista Multidisciplinar**, [S. l.], v. 38, n. 2, p. 1–10, 2025b.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo; ALVES, Luís Fernando de Souza; MARQUIOLI, Stefany Reis; VIEIRA, Guilherme Carvalho; COSTA, Daniely Santos Ramos. A “SOLTEIRONA” NA SÉRIE BRIDGERTON DA NETFLIX: subversão e reinvenção de estereótipos no contexto social do século XIX. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 13, n. 33, 1 Dez 2023.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo; MARQUIOLI, Stefany Reis; ALVES, Luís Fernando Souza; VIEIRA, Guilherme Carvalho; SANTIAGO, Ioli Ferreira; FERNANDES, Mariana Ruas; MEDEIROS, Derliane Oliveira; DIAS, Alana Laviola; SOUZA, Amanda Castro de; CARVALHO, Eder Junior de. “Ele me tratava como uma rainha até eu querer a liberdade”: análise narrativa e reflexões sobre o caso Elize Matsunaga na Netflix. *In: Ciências Humanas e Sociedade: estudos interdisciplinares*, Paraná, 1. ed., v. 5, p. 26–38, 2025a.

BICALHO, Lucas Matheus Araujo; REIS, Filomena Luciene Cordeiro. Suzane Von Richthofen: cruelmente “interessada, inteligente e aplicada”. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 27, p. 219–236, 2024.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

Buarque de (Org.). **Pensamento feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.



LAURETIS, Teresa de. **A Tecnologia de gênero**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MCROBBIE, Angela. **The Aftermath of Feminism: Gender, Culture and Social Change**. London: SAGE Publications, 2009.

PERROT, Michelle. **Os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. **Cadernos pagu**, n. 11, p. 89-98, 1998.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SEGATO, Rita Laura. **As estruturas elementares da violência**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.